

# ***Nascimento, vida e morte admiráveis do grande servo de Deus Gregorio Lopez, português, natural da antiga Villa de Linhares: reler a estória de um homem do século XVI na História Moderna de Portugal***<sup>1</sup>

## *Nascimento, vida e morte admiráveis do grande servo de Deus Gregorio Lopez, português, natural da antiga Villa de Linhares: re-reading the story of a 16<sup>th</sup> century man in Portuguese Modern History*

LIA F. A. NUNES  
University of Groningen; Universidade Nova de Lisboa – CHAM  
l.f.a.nunes@rug.nl

Texto recebido em / Text submitted on: 13.04.2016

Texto aprovado em / Text approved on: 30.06.2016

**Resumo:** Este artigo procura averiguar os meandros da construção da narrativa portuguesa acerca da nacionalidade de Gregorio Lopez [c.1542-1596]. O Venerável da Igreja Católica, primeiro anacoreta das Índias Ocidentais, fascinou diversos grupos por toda a Europa onde a sua *Vida* foi lida, traduzida e publicada. No caso específico de Portugal, é possível identificar dois momentos nessa leitura: a sua primeira edição em Lisboa em 1615 e a tradução para português em 1675. No rescaldo da chamada restauração da independência do Reino, a defesa da identidade portuguesa de ‘Gregório Lopes’ pode ser associada a uma conceção de nacionalidade mítico-religiosa, que se baseou numa memória local. O que faz a estória de Gregorio Lopez na História de Portugal?

**Palavras-chave:** Gregorio Lopez, naturalidade, Linhares da Beira, redes.

**Abstract:** This article intends to investigate the meanders of the Portuguese narrative’s construction about Gregorio Lopez [c.1542-1596] nationality. The Catholic’s Church Venerable, first anchorite of the Western Indies, fascinated diverse groups throughout Europe, wherever his *Vida* was read, translated and published. In the specific case of Portugal, it is possible to identify two moments in that reading: the first edition in Lisbon and its translation into Portuguese in 1675. In the aftermath of the so called Kingdom’s

---

<sup>1</sup> Este artigo realiza-se no âmbito do financiamento concedido pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, através de uma bolsa individual de Doutoramento. Começa a fechar-se um ciclo de investigação iniciado há cerca de 10 anos quando re-conhecemos em Gregorio Lopez uma encruzilhada de histórias onde valia a pena parar antes de seguir caminho (Nunes 2007: 24-29). Agradeço desde já todas as sugestões dos revisores anónimos e dos leitores que queiram contribuir para o esclarecimento das várias questões levantadas.

restoration of independence, the defence of Gregorio Lopez Portuguese identity can be associated to a conception of mythical-religious nationality based on a local memory. What does Gregorio Lopez's story in Portuguese History?

**Keywords:** Gregorio Lopez, naturality, Linhares da Beira, networks.

## A história de um homem cuja pátria era o Céu

Procurarei neste artigo sintetizar o mito da nacionalidade portuguesa de Gregorio Lopez [c.1542-1596], dito primeiro eremita mexicano – como ficou conhecido ao longo e depois do inconclusivo processo de canonização que o aclamou Venerável da Igreja Católica. Jamais professou em qualquer ordem religiosa, embora tenha sido recordado em áreas de atividade tradicional e genericamente atribuídas (além de disputadas) pelos cleros coloniais: alfabetizou, foi intelectual, dava conselhos médicos, esclarecia dúvidas espirituais. Leigo, solitário, sofreu de diversas enfermidades, vagueando pelas regiões dos Chichimecas (convertida em Nueva Galicia com a fundação do Real de Minas de Zacatecas), dos Huastecos (região que se estende pela costa Este ao longo do que foi chamado Nueva España, Nueva Viscaya e Nueva Galicia) e da Tripla-Aliança (nomeadamente em Atlixco, na fronteira da capital do império asteca), sempre em busca de hóspedes e dos tempos adequados às suas curas. Depois de descoberto pelas autoridades episcopais mexicanas a viver na Eremita de Nuestra Señora dos Remedios (um dos mais importantes santuários da capital), viveu mais ou menos sob a sua vigilância, primeiro no Hospital de Oaxtepec (fundado pelos Irmãos de S. Hipólito junto aos jardins botânicos de Monctezuma) e mais tarde, na Ciudad de Mexico, num dos *pueblo-hospital* criados por Vasco de Quiroga. Morreu aí, em Santa Fé, no ano de 1596, envolto em fama de santidade, sem nunca ter revelado as suas origens familiares e geográficas.

Os primeiros vinte anos da vida de Gregorio Lopez ocupam o primeiro capítulo da hagiografia de Francisco Losa [c.1536-1624], seu companheiro e biógrafo: em criança foge para Navarra onde vive com um eremita; é recuperado anos depois pelo pai, que o leva para a Corte como pajem; eventualmente decide deixar a vida cortesã para peregrinar por Toledo e Guadalupe, onde tem a visão que o leva a Sevilha para embarcar para Nueva España. De nenhuma destas etapas sobraram registos escritos, nem sequer da sua passagem para o México – que já na época seriam obrigatórios.

Francisco Losa assinala o nascimento de Gregorio Lopez a 4 de Julho de 1542 na paróquia de San Gil, em Madrid: o local assumido coloca um problema historiográfico que ultrapassa os limites deste artigo<sup>2</sup>; a data, o biógrafo retira-a do santoral (“dia en que se celebrava por aquellos años la fiesta de san Gregorio Taumaturgo [...] aunque ya esta festividade se transfirió a los diez i siete de Noviembre”); e dos pais, Losa colige que terão sido “antes pobres que ricos, pero de que calidad ayan sido, nunca lo pude saber”, não conhecendo os seus nomes e pondo em causa a autenticidade do apelido usado pelo eremita (“El nombre de Lopez, no le tengo por su alcuña, sino que se le quiso poner para dissimular su linage”) (Losa 1613: fls. 1-2).

A impossibilidade de resolver este mistério abre caminhos de investigação sobre os processos de identificação, identidade ou reconhecimento da época em que Gregorio Lopez viveu – e aos quais nos podemos perguntar como ou porquê escapou. Além da hipótese do biógrafo, outras possibilidades surgem de diversas fontes. No processo inquisitorial de Luis de Carvajal (também ele português) no México, este refere que o seu tio acreditava que Gregorio Lopez era de Toledo, procurando desta forma associar o eremita a uma cidade conhecida por ser “patria de judios” (Toro 1949: 186-187). No processo informativo recolhido no México para a canonização de Gregorio Lopez, o franciscano Francisco Suárez refere um diálogo de Gregorio com Juan de Osorio, no qual aquele afirma ser “da mesma terra” que este – Juan de Osorio era natural de Ocaña (*Recoletos* MS/7819 1622: fls. 266-266v; Mendieta 1980: 707).

Os autores que se debruçaram sobre a singularidade da figura de Gregorio Lopez sempre se debateram com a falta de fontes que poderiam confirmar a naturalidade do anacoreta e foram aceitando a aura de mistério com que este se fez encobrir, ou explorando as diversas leituras que se podiam deduzir da *estória* hagiográfica de Losa. O silêncio das instituições que poderiam clarificar esta circunstância parece esconder mais que consentir: cristão velho ou novo, heterodoxo ou herético, espanhol ou português, as testemunhas

---

<sup>2</sup> A paróquia de San Gil estava a ser (re)criada no início da década de quarenta do século XVI, num processo de ‘gentrificação’ urbana; principalmente em torno ao Real Alcázar, que 20 anos mais tarde seria a residência da corte imperial de Felipe II. Naquele momento de intensa revolução arquitectónica e social da cidade madrilena, com movimentos migratórios super-dinâmicos e (in)constantemente, é natural que os registos se perdessem e que os rastros se tenham apagado (a família pode ter-se mudado, desaparecido, esquecido). Numa primeira abordagem aos registos sacramentais da área que corresponderia às três igrejas paroquiais que hoje compõem a Real Parroquia de Santiago y San Juan Bautista de Madrid (Santiago, San Juan e San Gil), apenas encontramos nas listas de confirmações de 1567 um “Grigório”, mas nessa data o “Gregorio” de que tratamos já estaria no outro lado do Atlântico.

e os autores foram-se silenciando sem poder esgrimir qualquer conclusão (Rubial Garcia 1999: cap. 3; Cohen 1967: 270, 280-284; Huerga 1999: 21-36; Milhou 1992: 55-83, Puerto Sarmiento 2006: 21-23; MS/7819: 120v, 266) – parece que Gregorio Lopez foi bem sucedido num dos seus motos: *Secretum meum mihi*.

Se bem que as palavras “nação” e “pátria” fizessem já parte do léxico comum, ou pelo menos do discurso literato e escrito do século XVI – consolidando-se no rescaldo das guerras de Seiscentos, de que faz parte a “reconquista da independência” portuguesa –, é na necessidade dessas palavras e na constância de uma outra que alargamos o nosso horizonte de interpretação. Afinal, *naturalidade* era a “pátria” local de cada indivíduo que este apenas precisava provar caso dela saísse – e, com a reconfiguração da península desde finais do século XV até à estabilização da dinastia dos Habsburgo, muitos tiveram de o fazer. Quer entrando para uma ordem religiosa, quer alistando-se como soldado, quer passando para as Índias, famílias, homens, mulheres tinham de dizer e provar de onde eram naturais: aí, de onde cada um era ‘natural’, essa informação podia ser, ou não, corroborada junto das autoridades eclesiásticas.

## Redes em des/re-construção

Nas próximas páginas, procurarei reunir as pontas soltas de uma *estória* (entre tantos outros casos e tantas outras histórias) que de alguma forma passou ao lado da História de Portugal; sem deixar de a tocar num momento de (re)fundação ideológica. Será uma releitura de textos e contextos, em que investigaremos o sentido da reivindicação da origem portuguesa deste Venerável da Igreja Católica – um dos “santos falhados” no processo de evangelização do Novo Mundo (Rubial Garcia 1999). Se, da perspectiva de uma genealogia de leituras e uma história das mentalidades, Gregorio Lopez é mais uma *estória* da mística ou espiritualidade *recogida*, própria do mundo ibérico e estendida de um modo muito particular nas Índias Ocidentais; então a busca das materialidades históricas da vida deste homem do século XVI pode facilmente desvanecer na representação estática de gentes que viveram, mais ou menos intensamente, dinâmicas identitárias difíceis de captar. A abordagem biográfica à História e a perspectiva micro-histórica podem ajudar-nos a aceder às complexas teias humanas em que a memória de um homem como Gregorio Lopez se pode ter perdido (ou conservado).

Metodologicamente, a minha proposta passa por entrecruzar a utilização da análise de discurso (aplicada à circulação do conteúdo literário-hagiográfico da biografia de Losa) e da análise de redes sociais (focada tanto no grupo de portugueses que recuperou o grupo familiar de Gregorio Lopez em Linhares da Beira como na rede de parentesco recuperável nas fontes).

Sendo que a historiografia sobre Gregorio Lopez se vem concentrando no discurso hagiográfico de Losa e na sua receção, apenas recuperaremos aqui o que concerne diretamente ao artigo – as edições e a tradução portuguesas. Num segundo momento, chegaremos aos primeiros resultados da utilização de uma ferramenta digital aplicada a este caso. Neste momento, estamos a proceder à transposição dos dados dos registos paroquiais de Linhares da Beira para a segunda metade do século XVI para a base de dados TimeLink (Carvalho s.d.: 1-16)<sup>3</sup>. Porém, torna-se claro que o foco espacial e temporal do objetivo inicial de análise pode ser alargado.

Tentar-se-á demonstrar que a partir do objetivo inicial de reconstituir uma das possíveis comunidades históricas de que Gregorio Lopez seria natural, se pode usar um foco micro-histórico para compreender a rede de pessoas que se formou para recuperar a identidade portuguesa do Venerável. Esperamos no final do projeto disponibilizar online estes registos, que nos permitem adentrar na genealogia da suposta família de Gregorio, cruzá-los com outras fontes, e encontrar os restantes familiares e respetivas descendências, mas também as dinâmicas das comunidades históricas de terras beirãs na segunda metade do século XVI, e também no século XVII. Numa época em que *pátria* era um conceito que se confundia com a identidade étnica-religiosa de cada um, em territórios distantes e isolados a identificação geográfica – assim como o estatuto sócio-económico – transformou-se num elemento de aproximação e reconhecimento<sup>4</sup>. Podemos perguntar o que era isso de ser *portuguez*?

## Notícias de uma memória perdida

Caso Gregorio Lopez fosse considerado Beato ou Santo, ter no reino a sua terra natal seria obviamente motivo de gozijo e incremento no mer-

---

<sup>3</sup> Informação sobre a base de dados TimeLink pode ser acedida através da página web: <http://time-link.fl.uc.pt/>, consultado a 2016.06.30.

<sup>4</sup> Novos estudos vão buscando outras perspectivas na abordagem à questão identitária na história moderna da globalização. Estamos expectantes, por exemplo, relativamente ao estudo de Robert Schwaller, *Géneros de gente: defining difference in Early New Spain*.

cado da fé. Madrid, porém, não guardou a memória da família do Venerável (Alvarez y Baena 1790: 368-371) – talvez por esta nem sequer ter existido ou porque a narrativa de Losa estava logicamente direcionada para os feitos de Gregorio Lopez nas Índias Ocidentais. Na verdade, este enigma só em Portugal foi investigado com resultados. Sem mais delongas, apresento-vos este homem do século XVI tal como ele, fora do seu tempo e quiçá – aqui veremos – do seu espaço, me surgiu:

Honrada esta villa com a prerrogativa de ser pátria do Beato Gregório Lopes, varam insigne em santidade, e virtudes, e hum dos maiores contemplativos que perigno della em idade de desasseis annos foi acabar a vida na solidam de Santa Fé duas legoas da Cidade do México no novo mundo em o anno de 1596, e já há muitos que correu comprido hum piqueno livro em que se rescreve a sua vida, e virtudes (*Memórias Paroquiais* 1758: 678-679).

Quem o descreve é Francisco da Silva Oliveira, prior da vila de Linhares da Beira, respondendo ao décimo oitavo item do inquérito elaborado para as paróquias portuguesas, em 1758, por Luís Cardoso: “Se há memoria de que florescessem, ou della sahisem, alguns homens insignes por virtudes, letras, ou armas?” (Mota 1992).

A consulta da *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, em busca de mais informação, é profícua. Nesta obra a entrada de “Gregorio Lopes” concretiza a notícia do pároco de Linhares. Barbosa Machado não só transcreve como também contextualiza a informação que encontraremos na versão portuguesa da biografia na história do livro de Losa:

[...] Foy insigne Astrologo, Cosmografo, e Geografo como mostrão hum Mappa e Globo, que fez, e delineou, [...]. Da Anatomia, e Medecina soube tão profundamente as Regras, que dellas escreveo diversos tratados. Conheceo claramente os interiores, discernio sabiamente os espiritos, e dirigio prudentemente as consciencias.[...] Todos os prelados das Dioceses das Indias Occidentaes testemunharaõ com elegantes Elogios as virtudes deste insigne Varaõ, que se podem ler na sua vida escrita pelo Licenciado Francisco Losa Cura da Cathedral de Mexico impressa duas vezes, e na segunda addicionada, a qual traduzio em Francez Monsiur Arnaud D’Andilly, e na lingua Portugueza Pedro Lobo Correa Escrivaõ da Contadoria Geral de Guerra y Reyno onde evidentemente mostra ser nacido Gregorio Lopez em a Villa de Linhares com o nome de Pays, e Irmãos, que teve contra o engano, que padeceo o Padre Losa escrevendo ser natural de Madrid de cujo erro foy sequaz Fr. Affonso [sic: Alonso] Ramon Chronista Geral da Ordem Militar da Merce na vida que escreveo deste servo do Senhor”. (Machado [1747] 1966: T. 2, 413-415).

Além do resumo da sua vida na Península e no México, Barbosa Machado refere as obras que conhece de e sobre Gregorio Lopez, relata a notícia da sua morte e as diligências para proceder à sua canonização. Indica-nos ainda onde recolheu os seus dados, conduzindo-nos ao *Agiológio Lusitano*, de Jorge Cardoso, onde encontramos uma nota sugestiva: Gregorio Lopez seria, portanto, natural de Linhares da Beira, tendo ocultado a sua pátria, como muitos outros “servos de Deus Portugueses”. O que levaria o autor a sugeri-lo? Que informação teria para afirmá-lo? Sobre Jorge Cardoso, sabemos que possuía na sua biblioteca pelo menos três exemplares da *Vida* de Gregorio Lopez: a versão de Luis Muñoz de 1642, e as outras duas que tanto poderiam ser de Lisboa ou Sevilha, seguindo a de Losa, ou até a segunda versão da biografia editada por Alonso Remón, publicada duas vezes em Madrid<sup>5</sup>. Jorge Cardoso possuía também um manuscrito inventariado como “Apocalipse de Gregorio Lopes”, uma cópia do comentário exegético do Venerável. Terá o autor acrescentado estes títulos à sua biblioteca na primavera de 1669, aquando da sua visita a Madrid? Algum destes exemplares seria já do seu conhecimento, provavelmente através de Alonso Rémon (Fernandes 2002: 158), com quem trocou correspondência, ou seria difícil encontrá-lo a escrever o comentário no segundo tomo do *Agiológio* de 1657<sup>6</sup>.

Jorge Cardoso teve tempo apenas de publicar aquela nota, já que não chegou ao tomo em que ‘Gregório Lopes’ figuraria – essa entrada caberia a António Caetano de Sousa, num volume que seria publicado já no século XVIII. Efetivamente, na continuidade do catálogo hagiográfico, no Tomo IV, Gregorio Lopez merecerá um longo texto de sete páginas e ainda uma nota sobre a polémica que Jorge Cardoso instaurara com a sua reivindicação (Sousa 1744: 233-240, 246-248), embora se possa concluir que Caetano de Sousa teve à disposição apenas a tradução portuguesa da biografia de Gregorio Lopez, já que o próprio indica que não teve acesso à documentação reunida por Jorge Cardoso (Fernandes 2000: 10-11).

---

<sup>5</sup> Os impressos e manuscrito que referimos correspondem aos itens 341, 342, 343 e 45 da lista apresentada por Fernandes 2002.

<sup>6</sup> “[...] Exemplos temos semelhantes em muitos servos de Deos Portuguezes, que florecerão em diversas partes do Universo, os quaes ausentes de suas patrias, as encobrirão o mais que puderão; tal foi o S. varão Gregorio Lopez, que sendo natural de Linhares, villa ao pé da Serra da Estrella, florecendo nas Indias de Castella, nunca a quis manifestar. [...]” (Cardoso 1657: T. II, 164).

## A “lenda lusa”: Gregorio Lopez e Francisco Losa em Portugal

A reivindicação da origem portuguesa de Gregorio Lopez surge num determinado contexto, e será por isso relativizada pelos académicos que se dedicaram de alguma forma ao estudo deste personagem. A “lenda lusa”, assim nomeada pelo historiador dos ‘alumbrados’ (Huerga 1999: 24-26), e como bem relembra Pedro Vilas Boas Tavares no seu estudo sobre a recepção de Molinos em Portugal (Tavares 2005: 244), não foi alimentada com investigações profundas relativas à nacionalidade do “primi anachoreta in Indiis Occidentalibus”<sup>7</sup>. Talvez bastasse o argumento usado pela Congregação dos Ritos, quando surgiu a questão da falta de provas quanto à origem familiar e comprovativo de sacramento batismal (Sacra Rituum Congregatione 1752: B/15-35): a *naturalidade* do Venerável seria indiferente tendo em conta que foi a sua vida no outro lado do Atlântico que realmente interessou e causou espanto e devoção a quem leu a biografia de Francisco Losa; vida essa que terá certamente sido gerada por bons e virtuosos católicos<sup>8</sup>.

Em Portugal, Mário Martins é um dos poucos historiadores da espiritualidade e religiosidade que dedicam algumas páginas ao Venerável Gregorio, nomeadamente em três artigos publicados pela Revista *Brotéria*, embora não avance mais dados que os conhecidos até então sobre a polémica de que trataremos aqui (Martins 1943, 1949). José Adriano Freitas de Carvalho não deixa de referir, na sua recensão à edição da *Declaração do Apocalipse* preparada por Álvaro Huerga, que, apesar da estranheza que causa, a polémica não deixa de ser um *fait divers* no que concerne o estudo deste homem santo do século XVI (Carvalho 2000: 243). O mesmo autor parece de alguma forma aceitar a hipótese portuguesa, justificando a inclusão de *Gregório Lopes* no seu artigo sobre o “Eremitismo em Portugal na Época Moderna” com a deixa de Jorge Cardoso – aceitando que Gregorio pode ser mais um caso “de algum outro que de Portugal se foi fixar em terras estranhas” (Carvalho 2002: 87). Não obstante, será Pedro Vilas Boas Tavares a adiantar referências a fontes primárias que, em seguida veremos, tornam o argumento mais concreto (Tavares 2005: 213).

---

<sup>7</sup> Ao longo do processo de canonização de Gregorio Lopez, a documentação manuscrita e impressa pela Congregação dos Ritos vai sendo anexada sob este título: *Gregorii Lopesi, primi anachoreta in Indiis Occidentalibus* – conservada no Archivio Segreto Vaticano, na Biblioteca do Vaticano, e na Biblioteca Nacional de França.

<sup>8</sup> Encontramos o argumento relativo à falta de registo batismal de Gregorio Lopez na discussão da causa em 1752: “Qui enim in Catholica regione ex Parentibus Catholicis natus est, baptizatus fuisse praesumitur (...) Quae certe praesumptio Juris, & de Jure in nostra specie absolutissima est, cum Gregorius non solum fideliter, sed etiam heroice triginta sex annorum spatio inter Christianos versatus fuerit.” (Sacra Rituum Congregatione 1752: c. 15, 35).



Relembremos que tratamos aqui não de *Gregorio Lopez* ou *Gregório Lopes*, mas da forma como a sua *estória* chegou a – e talvez partiu de – Portugal. No México, a *Vida que hizo el siervo de Dios Gregorio Lopez en la Nueva España*, escrita por Francisco Losa em 1598, é publicada na Cidade do México em 1613. Saiu da imprensa de Juan Ruiz, um dos mais bem-sucedidos editores independentes na altura, nas Índias Ocidentais (Rivas Mata 2002: 85-89). Francisco Losa dedica a *Vida* de Gregorio Lopez a Luís de Velasco, marquês de Salinas, vice-rei que havia sido na Nova Espanha e também no Perú, membro do Conselho das Índias quando a obra sai do prelo, e que havia privado com o eremita no México. Será coincidência que, dois anos depois, em 1615, a primeira edição ‘europeia’ da hagiografia deste servo de Deus tenha saído em Lisboa, dedicada ao seu arcebispo, que viria a ser nomeado nesse mesmo ano vice-rei de Portugal, D. Miguel de Castro, pela imprensa de Peter Craesbeeck, nomeado impressor real por Felipe III pouco depois (Dias 1996). Quem a comprou, vendeu, leu, emprestou, doou, interpretou? Como circulou?

Quem sabe se foi a edição portuguesa que chegou às mãos do monarca, e quem sabe se a viu precisamente aquando da sua visita a Portugal em 1619 (Gan Gimenez 1991: 407-431; Silva 2008: 269-307)? Apenas sabemos que Felipe III, impressionado, começa os procedimentos necessários para solicitar a canonização do servo de Deus em 1620. E que dizer relativamente à nomeação do Marquês de Castelo-Rodrigo para embaixador de Roma, por Felipe IV, deixando (entre outros muitos assuntos) a causa de canonização de Gregorio Lopez nas mãos do nobre português (Losa/Munoz 1727: 195-198; Martínez Hernandez 2009: 7-32; Garcia Gueto 2007: 695-716)? Nesse processo de “santificação”, que se prolongou por mais de um século em incansáveis diligências para promover a Causa, chegaram novas informações, relíquias, escritos, imagens, boatos, e até os mistérios relativos a este personagem da catolicização da *América*.

De Lisboa, a obra seguiu para Espanha, voltando a ser editada na mesma oficina lisboeta em 1625 –

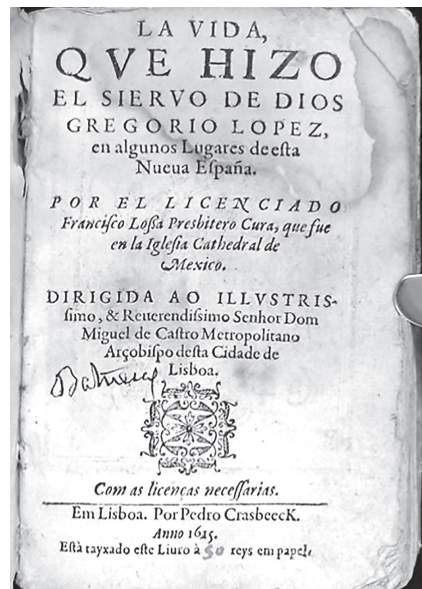


Fig. 1. Primeira edição da hagiografia de Francisco Losa em Lisboa

sinal de um consumo que se demonstraria crescente nas múltiplas traduções e edições em França, Inglaterra, Bélgica, Países Baixos, Itália. Não interessando aqui desenvolver em demasia a história desta *Vida*, ficam anotadas certas circunstâncias relativas a estas primeiras edições da hagiografia de Gregorio Lopez: de Lisboa sai a primeira edição no Velho Mundo, que dará azo a várias outras, cuja leitura causou e/ou terá sido causada pela vontade real de beatificar o biografado.

Embora não possamos deter-nos nas redes de homens de letras, de religião, de política que se cruzaram em Lisboa, Madrid e Roma nas diversas etapas em que o processo de canonização de Gregorio foi agilizado, fica a nota das possibilidades de análise que se abririam: os contactos entre os cleros secular e regular, a circulação de informação entre os seus diversos agentes no Velho e Novo Mundo, os interesses económicos, diplomáticos por detrás das várias edições da obra de Losa e mesmo do patrocínio a causas de santidade.

## Homens tecendo um retrato de família: a tradução portuguesa

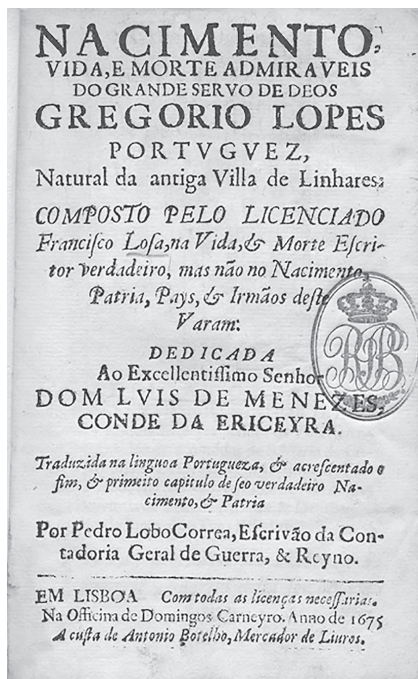


Fig. 2. Edição da tradução portuguesa de Francisco Losa

Com dedicatória a Luís de Menezes, Conde da Ericeira, em 1675, Pedro Lobo Correa concretizou a presunção de Jorge Cardoso (Fig. 2).

Mais que com água benta, é uma presunção documentada com provas e argumentos. Precisamente para tomar a autoridade do hagiógrafo lusitano, o escrivão da Contadoria Geral da Guerra e do Reino inicia o prólogo da obra da seguinte forma:

Depois que desta mortal & caduca vida passou a gozar da eterna & permanente o Licenciado Jorge Cardozo, para nós os Portuguezes de feliz recordaçam: pois foi verdadeiro amante da pátria, & singular investigador dos Santos, & Varões illustres que deste nosso Reyno [...] E ninguém quer estampar o Quarto Tomo, que quasi ficou findado de mano escrito,

no qual se avia de fazer manifesto ao Mundo com o resplendor da verdade, em como era natural nosso, & nam dos Reynos de Castella o grande Servo de Deos Gregorio Lopes [...] (Losa/Correa 1675: fl.\*1).

Pedro Lobo Correa não se fica por nomear autoridades e, para dissipar qualquer dúvida, inclui no seu “Prólogo aos Portugueses” uma carta do prior de Linhares<sup>9</sup>. Ficamos a saber que Jorge Cardoso é a fonte de informação do oficial português, veiculada pelos irmãos Manuel Raposo, ou Frei Manuel da Ressurreição (“Descalço de Santo Agostinho e Procurador Geral dos da Congregação de Portugal na Corte”), e João Lopes Raposo de Castanheda (Losa/Correa 1675: fl.\*2v). Conta o tradutor que este último, João Lopes Raposo, Juiz de Fora de Évora, teria em seu poder as inquirições escrituradas por Cipriano de Chaves de Sequeira, Miguel Cardoso Homem e António Botelho de Carvalho, acerca da verdadeira pátria de Gregorio Lopez. Tais inquirições foram o resultado dos “públicos instrumentos” tirados na vila de Linhares e também na Covilhã, tendo na primeira obtido resposta, guardada pelo dito João Lopes Raposo, “que por destino divino & particular estudo” levou a cabo a investigação de que “consta uniformemente ser o Veneravel Varam Gregorio Lopes, nam Castellano, como o fizeram os mesmos, mas Portuguez, & natural da insigne villa de Linhares” (Losa/Correa 1675: fl. \*2v, \*4v).

---

<sup>9</sup> Pela importância da informação, transcrevemo-la aqui – seguindo a insistência de Mário Martins em divulgar o seu conteúdo –, talvez com a esperança que alguma luz de memória se acenda sobre os nomes destes homens: “Muito Reverendo P.S. Manoel Raposo: Recebi huma de vossa Paternidade, por via de Padre Estevão da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio do Porto, [...]. Vossa Paternidade me pede huma Relaçam do Santo Gregorio Lopes, natural desta Villa. Haveram sincos annos, que nella se fez hum instrumento de testemunhas, & dos nomes de seos Pays, & Irmãos, & este instrumento se fez à instancia de de V. P. & de hum cidadam da Guarda chamado Leonis de Pina de Mendonça, que lá reside em Lisboa. Gregorio Lopes se passou a Castella, & villa de Madrid, & e dahi se foi por soldado para as Indias, onde morreo santamente. E aqui ha annos ouvi dizer, que os Castelhanos o quizeram fazer seo, & natural de Madrid sendo que era patricio nosso: E pedio Leonis de Pina a David de Aragam seo natural, & parente que já he falecido, & estava cazado nesta villa com huma irmã de Dionysio da Nave Pacheco se fizesse o dito instrumento em publica forma, o que se fez com toda a verdade, & clareza, a que eu fiz os apontamentos por onde se perguntarão as testemunhas, as quaes declaram (nomine discrepante) como he nosso natural, & os nomes de seos Pays & Irmãos, que o Santo teve, de que ainda hoje ha descendentes, & eu conheci sobrinhos direitos do mesmo Santo, & destes ha filhos, & netos nesta Villa, & na de Mello, toda gente limpia de toda a raça. Este intrumento se remeteo a V. P. ou ao Licenciado Jorge Cardoso, segundo me disse Cypriano de Chaves Siqueira. E saiba V. P que o dito Leonis de Pina, & as mais das pessoas que juraram este instrumento sam falecidas. Isto he o que ha do S. Gregorio Lopes, & de tudo o mais do serviço de V. P. fico muito certo, a quem Deos guarde. Linhares, 29 de Dezembro de 1670. Capellam & servidos de V. P. o Prior Manoel Alvares Migueis” (Losa/Correa 1675: fls. 5-6).

Com autoridade para fazer circular um público instrumento (de que apenas temos as notícias anotadas), pensamos que João Lopes Raposo estaria na posição mais favorável, quiçá durante o seu período de corregedoria em Pinhel – visto que em 1669 é já juiz de fora de Elvas.<sup>10</sup> Ao caso interessa, que “à instância” de Manuel Raposo, religioso dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, e de Leoniz de Pina de Mendonça, é escriturado um documento com as testemunhas que atestavam a genealogia lenobriguense de Gregorio Lopez. Os tabeliães que o fazem são da Beira e a correlação direta parece ser estabelecida por David de Aragão. Este, natural e residente na cidade da Guarda, era filho de Daniel Aragão e Ana Escobar da Fonseca, como consta da sua mercê do cargo de contador e inquiridor-mor do juízo ordinário dessa cidade<sup>11</sup>. Tendo casado em Linhares com uma irmã de Dionísio da Nave Pacheco, escrivão das sisas e selos dos panos na vila, David de Aragão estaria em posição de assegurar que o pedido do seu conterrâneo circulasse, fosse ouvido e cumprido<sup>12</sup>.

Se nos focarmos em 1665, encontramos uma rede: somos informados acerca de como funcionou, mas não sabemos como se formou. Manuel Raposo envia ao pároco de Linhares uma missiva pedindo o resultado de uma inquirição sobre Gregorio Lopez, realizada cinco anos antes. O pároco de Linhares da Beira refere ter recebido esta carta do Padre Estevão, jesuíta, reitor do Colégio da Companhia no Porto; diz-se, portanto, contactado através do Porto, e não de Coimbra, bispado a que pertencia, ou de Lisboa, onde estariam Jorge Cardoso e Manuel Raposo. Porquê este desvio? Ou precisamente por se terem perdido as primeiras informações, Manuel Raposo trata de dinamizar os seus contactos para chegar até Linhares? Mas quais as ligações, mais ou menos informais? Entretanto, em 1669, Jorge Cardoso falecia. A ele ou a Manuel Raposo foram enviadas as informações recolhidas em 1665 – talvez por isso este último tomasse a iniciativa de pedir uma cópia em

---

<sup>10</sup> ANTT, Registo Geral de Mercês (RGM), Mercês da Chancelaria de D. Afonso VI, livro 8, fl. 405v: “Carta. Juiz de Fora de Elvas”, de 3 de junho de 1669.

<sup>11</sup> ANTT, RGM, Mercês da Torre do Tombo, livro 5, fls. 176-176v: “Alvará. Para que sirva os officios de Contador e Inquiridor do Juízo Ordinário da cidade da Guarda, quando tiver idade. Filiação: Ana Escobar de Fonseca”, de 3 de julho de 1642; ANTT, RGM, Mercês da Torre do Tombo, livro 21, fl. 174v: “Carta. Contador e Inquiridor do Juízo Ordinário da cidade da Guarda. Filiação: Daniel de Aragão; Ana de Escobar da Fonseca”, de 9 de dezembro de 1654; ANTT, RGM, Livro de Mercês de D. Pedro II, liv. 11, fl. 211: “Alvará. Renúncia do officio de Escrivão da Almotaxaria da cidade de Guarda em seu primo. Filiação: David de Aragão”, de 27 de setembro de 1697.

<sup>12</sup> ANTT, RGM, Mercês da Torre do Tombo, livro 21, fls. 178-178v: “Carta. Escrivão das Sisas e Selos dos Panos da vila de Linhares. Filiação: Simão da Nave”, de 14 de dezembro de 1654.

1670, já que a documentação recolhida pelo autor do *Agiológio* ficou entregue aos seus testamenteiros, perdendo-se (Fernandes 2000:11).

Por indagar fica o que teria levado Jorge Cardoso e os irmãos Lopes Raposo a procurar precisamente em Linhares e na Covilhã as origens do Venerável. Segundo o padre Álvares Miguéis, entra assim nesta equação Leonis de Pina e Mendonça, natural da Guarda, residente em Lisboa. Também a rede local, composta por gentes de outras escritas, confirma o frenesim, que haveria de gerar a ‘verdadeira’ biografia do herói português. Mas quem conhecia quem? Quem sugeriu o quê? Barbosa Machado diz-nos que Leonis de Pina e Mendonça foi Procurador pela Guarda nas Cortes de 1642 e 1669, e que havia sido emulado em 1668 por el rei relativamente a denúncias de falta de lealdade para com o reino (Machado 1966: 10-11). Também estudado por Rómulo de Carvalho, terá este suposto matemático do século XVII sido o interessado no desvendar do mistério de Gregorio Lopez, ou estava o padre de Linhares a referir-se ao avô do notável homónimo?

A necessidade de recorrer a obras como a *Biblioteca Lusitana* tem por vezes o efeito contrário ao desejado. Dos muitos dados que recolhemos, poucos são os que podemos conferir com outras fontes, mas o facto de termos entradas, como temos para Pedro Lobo Correa, Leonis de Pina e Mendonça, os irmãos Raposo e, claro, Jorge Cardoso, é por si só relevante: todos eles escrevem, todos eles comungam de um certo estatuto que lhes permite fazer circular e recolher informação (Machado 1966: II, 680; III, 10-11, 247, 588-589).

Dedicada a uma das figuras de proa da *História de Portugal Restaurado*, D. Luís de Meneses, a versão portuguesa da *Vida* de Gregorio Lopez terá sido lida e comentada em diversos contextos iluminados da época. Digna de nota é, por exemplo, outra entrada da *Bibliotheca Lusitana* que identifica uma “tradução imperfeita” da biografia de Losa por “Braz de Abreu”, natural de Elvas, benfeitor, enfermeiro e recolhido no Hospital Real de Lisboa, onde também se dedicou ao estudo e à tradução outras obras de cariz religioso (Machado 1966: I, 542). Sem poder investigar mais profundamente esta referência de Barbosa Machado, é interessante verificar que Pedro Lobo Correa não foi o único a traduzir a história do solitário mexicano em Portugal.

## Novelas e novelos de gentes da Beira

Segundo a tradução portuguesa, Gregorio Lopez seria então *Gregório Lopes*: “portuguez”, natural de Linhares da Beira, vila e termo do bispado de Coimbra, batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, filho de Paulo

Lopes e Maria Afonso do Pombal – “apelido derivado, & imposto de hum que tinha em sua caza tinha” – irmão benjamim de Lopo Roiz, Álvaro Lopes e Maria Afonso, (Losa/Correa 1675: 7-9). A reivindicação é sustentada pela investigação de um grupo de oficiais e intelectuais do reino lusitano, durante pelo menos duas décadas. O que podemos ainda encontrar nos restos documentais da época?

Nas fontes vemos aquela família a crescer, sendo que os alegados irmãos e sobrinhos do eremita mexicano receberam os sacramentos na dita paróquia<sup>13</sup>. Dos registos paroquiais de Linhares temos documentados e conservados casamentos desde 1566 e batismos desde 1571. Paulo Lopes e Maria Afonso ainda se encontram vivos em 1573, quando levam ao altar dois filhos: Lopo Roiz casa com Beatriz Pacheca a 6 de setembro (de quem são batizados Maria em 1577 e Isabel em 1580), e Leonor Pais casa com Francisco de Souro a 21 de junho (pais de Leonor, em 1575, e de Francisco, em 1579). Dos citados por Pedro Lobo Correa, sabemos que, embora o registo não mencione o nome dos pais, Álvaro Lopes se casa em 1577 com Ana Osório ou do Souro (irmã de Francisco de Souro, de quem era também cunhada), com a qual batiza quatro filhos entre 1578 e 1584: António, Francisco, Isabel e Diogo; enquanto Maria Afonso parece, afinal, filha de Afonso Pires e Romana Henriques, casada com Domingos Cardoso e não Gaspar Cardoso, trazendo margens de erro para a *estória* portuguesa. O tradutor luso, que transcreve cegamente a minúcia da informação que lhe constou, não refere o casamento de outras duas filhas dos supostos progenitores de Gregorio Lopez: Ana Lopez a 27 de janeiro de 1581, com Baltazar Fernandes, pais de Maria em 1584; e de Isabel Rodrigues com Amador Francisco, a 22 de dezembro de 1585 (*Mistos Linhares* 1566-1677: fls. 4v, 17v, 24v, 30, 33, 34, 38, 44, 48, 49, 71, 71v, 83, 86v, 90, 92).

Inevitavelmente, somos levados num exercício de imaginação histórica às pessoas que habitavam estes nomes; por momentos vendo gente que se assemelha, se confunde, se conhece. Entretanto, como vimos, Pedro Vilas Boas Tavares recuperou uma outra série de dados essencial para esta história: o processo de habilitação do Santo Ofício de um suposto sobrinho-neto de Gregorio Lopez, através do qual podemos seguir com mais pormenor esse ramo da sua família, que concerne Francisco Lopes Osório e a sua descen-

---

<sup>13</sup> ANTT, Arquivo Distrital de Lisboa, Paróquia de Linhares, Registos Mistos 1566-1677, Mf. 656, fls.1-131v. Para este trabalho foram utilizados (transcritos, traduzidos para linguagem Kleio, transpostos para TimeLink) todos os actos registados de 1566 a 1598, nomeadamente registos de batismo (1571-1586), casamento (1566-1592) e óbitos (1595-1598). Um agradecimento imenso pela colaboração no tratamento de dados a Paulo Paixão e João Branco.

dência. João Fraga, historiador local de Melo, complementou os registos paroquiais de Linhares com os registos paroquiais daquela vila e a habilitação de Manuel Pacheco da Costa Corte-Real (Fraga 1993: 186-188). Filho de Álvaro Lopes, o tintureiro Francisco Lopes Osório, tratando com ovelhas e panos, parece ter herdado o seu tinte (engenho usado para “confecção de tecidos grosseiros”: Oliveira 1997) por via matrimonial, ao casar-se com Maria de Matos, com a qual mudará a sua residência para Melo. Constroem a sua fortuna, e conseguem um bom matrimónio para a sua filha, Maria de Matos Lopes Osório, de tal forma que o seu neto se encontrará em condições de solicitar a admissão para familiar do Tribunal do Santo Ofício.

Na árvore genealógica que começámos a recompor, o núcleo familiar de que procederia Gregorio Lopes foi crescendo (Fig. 3).

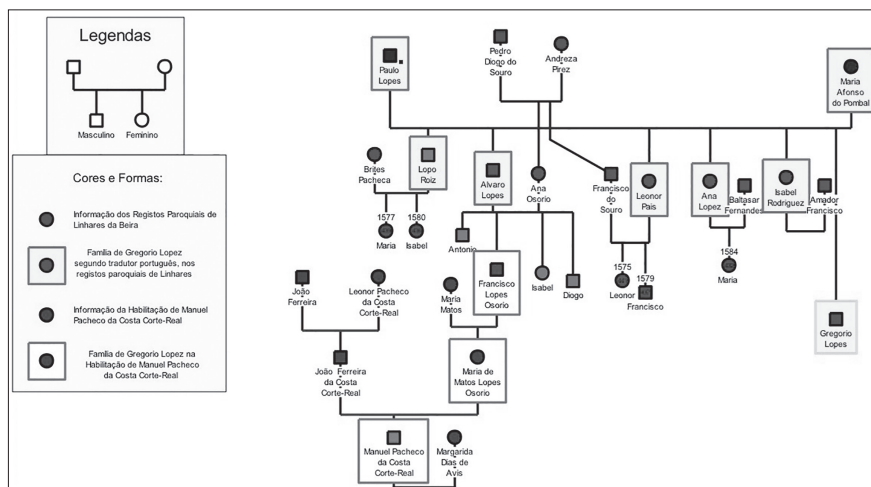


Fig. 3. Árvore genealógica das gentes de Gregório Lopes

Ora, uma mal-intencionada denúncia – manchando a reputação de Manuel Pacheco da Costa Corte-Real com a suspeita de ter sangue judeu – e as diligências para esclarecer a sua veracidade e a limpar a linhagem do solicitante produziram um documento que vem muito ao nosso caso. Poderíamos perguntar se e como teria aquela outra inquirição (de Jorge Cardoso e outros homens da Beira) chegado aos ouvidos de duas das testemunhas da habilitação, Diogo Botelho (“Francisco Lopes foi primo co irmão de Gregorio Lopes que esta dito por santo na dita villa de Linhares neste reino, que foi filho de Paulo Lopes, irmão do dito Alvaro Lopes todos naturais no dito Linhares”) e Ana Fonseca (“Álvaro Lopes irmão inteiro de Gregorio Lopes

que esta reputado por santo na dita villa neste reino sobre o que se tem feito já grandes sumários”); já que o Padre Manuel Alvares Miguéis dá por falecidas todas as testemunhas da inquirição de 1665 (*Habilitação* 1676: 23v, 30v). Não podemos afixar que, em 1676, Diogo Botelho e Ana Fonseca já tivessem tido conhecimento da versão portuguesa da *Vida* de Gregorio Lopez. No entanto, num lapso de 10 anos desaparecem as pessoas que ainda poderiam assegurar as origens lenobriguenses de Gregório Lopes, embora não seja tempo suficiente para apagar a transmissão dessa memória.

Que dizer da fama de cristão-novo de um irmão de Ana Osório, que seria cunhada de Gregorio Lopez, e das redes que se esconderam e enterraram nessas memórias (Tavares 2005:243; Fraga 1993:186-188)? Como vila de fronteira, Linhares era ponto de passagem para Castela: Alonso Osorio, irmão de Ana Osório, terá supostamente fugido de Alcântara (Espanha) para limpar a sua fama de converso:

fama que talvez se levantou por não se saber donde ele ou seus pais eram naturais, que ele terá ido à vila de Alcântara tentar conseguir sua limpeza porque era natural de lá, mas a não conseguiu, igualmente esta fama impediu que o seu filho António se ordenasse padre, e o seu filho Manuel para o fazer teve que fazer se compatriota no bispado de Coimbra, indo viver para Linhares (*Habilitação* 1676).

De Ana Osório (ou do Souro) e do seu irmão Francisco do Souro, sabemos quem são os pais: Pero Diogo do Souro, já falecido em 1573, e Andreia Pires (ou Andresa Pirez). Mas de Alonso Osorio sabemos apenas que residia em Manteigas. Seriam a mesma ou duas famílias diversas? Na verdade, quando Pedro Lobo Correa recompõe a genealogia de Gregorio Lopez não menciona Leonor Pais – claramente filha de Paulo (ou Palos) Lopez e de Maria Afonso, e irmã de Lopo Ruiz, Ana e Isabel; nem os registos que concernem Álvaro Lopes e a sua descendência – sem dúvida a que mais prosperou e através da qual chegamos à habilitação do seu bisneto – remetem em qualquer momento para os supostos pais do eremita. Deste não sabemos o que terá passado – até porque, tendo nascido em 1542, Gregorio deixa a vila menos de dez anos antes que os livros sacramentais da paróquia de Linhares o pudessem trazer até nós.

Estaremos perante o tipo de problemas (ou processos de identificação) que Gregorio Lopez teria de enfrentar caso quisesse ordenar-se religioso secular ou regular, o que evitou seguindo solitário? Mesmo assim os seus antepassados perseguiram os filhos de Alonso Osorio, que buscaram vida na religião. A confusão de nomes e gentes gerou problemas, de uma forma ou



de outra, como nos confirmam as testemunhas da habilitação. Sabemos pela carta do pároco de Linhares que já desde 1655 o caso de “Gregorio Lopez” era inquirido na vila. Em 1675, a *Vida* de Losa é publicada em português e em 1676 o Santo Ofício estava em Linhares, declarando que:

Manuel Pacheco era Christão Velho, per todas as vias, sem raça de infesta nação, e também me parece melhor a opinião dos que dizem que Francisco Lopes Izouro de que se trata foi natural do dito Linhares, e não de Manteigas, como dizem os de Melo [que fizeram a denúncia] (*Habilitação* 1676: 33).

Finalmente, foi o ilustre franciscano Frei António das Chagas que intercedeu pela admissão ao Santo Ofício de Manuel Corte-Real, quiçá se por pedido especial do irmão do pretendente, o cisterciense Frei António Pacheco, ou por haver reconhecido a história portuguesa de Gregorio – que já circularia há algum tempo no reino (*Habilitação* 1676: 126). Ilibou-se o pretendente das acusações e confusões lançadas sobre si. Seria familiar do Santo Ofício, como conseguira Leoniz de Pina de Mendonça, num processo muito mais fácil, curto, “limpo”, em 1677 (Carvalho 1964:173). Terá sido uma troca de favores, ou uma simples coincidência?

De qualquer forma, na raia beirã, a memória de um moço que aos 16 anos deixou para trás a sua vila natal foi surpreendentemente esticada por 100 anos (até mais, se considerarmos as respostas aos inquiritos pombalinos). Francisco Losa afirma não saber se Lopez era realmente o apelido do seu companheiro, sem argumentos contundentes da naturalidade madrilena do servo de Deus; e, na realidade, Gregorio Lopez ocultou a sua naturalidade num tempo em que ser português facilmente equivalia a ser *marrano*, e esconder as suas origens podia evitar confusões, especialmente em terras espanholas.

## Pontos que se acrescentam ao conto

Gregorio leva-nos aos mesmos espaços em outros tempos, onde a identidade mudava, elástica e camaleónica. Se era de uma família cripto-judia ou conversa, como acidentalmente confirmam os detratores de Manuel Corte-Real e nos querem fazer crer os Luís de Carvajal, tio e sobrinho, portugueses, condenados no México (Toro 1949:186), ou se era cristão-novo ou velho de sangue limpo; o que é que isso nos diz do que Gregorio veio a ser, sempre procurando nos limites da heterodoxia respostas que iluminassem as suas constantes interpelações espirituais e/ou intelectuais aos novos mundos da modernidade?

Vem ao caso deixar uma nota que talvez pareça fruto do acaso, mas talvez seja o cerne da questão. Se atentarmos por um momento nas listas dos condenados pela Inquisição mexicana, *relajados en persona e en estatua* (*difuntos e fugitivos*) são numerosos os portugueses que encontramos, desde o final do século XVI até meados do século XVII. Portugueses, judaizantes, a maioria das Beiras: Guarda, Celorico, Fundão, São Vicente da Beira, Covilhã (García-Molina Riquelme 2016: 225-313). Como chegariam estas notícias a Portugal, se é que chegariam? Em chegando, poderiam ter algo que ver com os instrumentos públicos que colheram a informação de que Gregorio era precisamente das Beiras?

Embora seja evidente a solidez da argumentação portuguesa, que a documentação da época corrobora – algo que Madrid, Ocaña, ou Toledo não podem reivindicar – não foi difícil encontrar argumentos contraditórios, histórias mal contadas e até justificações para a suspeita que leva Jorge Cardoso a incluir Gregorio no catálogo hagiográfico português. Natural de Castela ou de Portugal, o nome adotado por este homem do século XVI seria grafado “Gregorio Lopez” num e noutro lado, como constatamos nos registos que vimos de Madrid e nos registos de Linhares. Não deixa de ser possível que o Gregorio Lopez que saiu de Linhares seja apenas mais um homónimo daquele *Gregorio Lopez*, andando pelos mesmos caminhos Castela dentro, mundo afora. Mas quem nos diz que a rede que recuperou a sua memória não era, de facto, detentora de uma verdade que escapou a outros grupos (que, simplesmente, não a podiam conhecer ou verificar)?

Abre-se na amplitude geográfica e temporal a complexidade que podemos encontrar nas fontes. Na habilitação de Manuel Corte-Real testemunham um almocreve que levava os panos da dita tinturaria para Entre-Douro-e-Minho, um pastor de Manteigas que justifica a sua falta de conhecimento quanto ao perguntado por ter passado a sua “mocidade no campo, não sabendo o que se passava na vila”, um seu conterrâneo que também de nada sabia porque “sendo moço passou muitos anos ausente no reino de Castela”; demonstrando tantos canais de comunicação como as diversas formas de os usar (*Habilitação* 1676: 20-70). Além disso, o tinte dos Lopes-Osório: de uma união matrimonial nasce um património, uma linhagem, um estatuto, pronto a ser reivindicado, e quem sabe se definitivamente limpo de qualquer suspeita, junto do Tribunal do Santo Ofício. Entretanto, com os panos iam e vinham gentes, livros, novidades, avisos: se os registos de Linhares, que apenas transpusemos até aos anos 90 de Seiscentos, fossem complementados com os restantes da paróquia até pelo menos meados do século XVII e com os registos paroquiais e notariais das vilas vizinhas das Beiras – juntando às

referidas acima as de Melo, Fornos e também Manteigas, sem deixar de lado a oportunidade que seria somar-lhes os registos de vilas espanholas da raia castelhana –, sem dúvida as pontas soltas revelar-se-iam nos seus nós e emaranhados.

Para completar os dados da versão portuguesa de Pedro Lobo Correa, seria importante fazer o cruzamento de diversas referências em fontes primárias (como as Mercês) ou secundárias (como as entradas da *Bibliotheca Lusitana*), como das pessoas envolvidas nas habilitações do suposto sobrinho-neto de Gregório Lopez e de Leoniz de Pina e Mendonça para verificar se há malhas que deixaram nós ou se perderam no tempo. Talvez então possamos tentar explicar como é que Jorge Cardoso reuniu a informação que vimos descrevendo, para reclamar, já em 1657, a verdadeira pátria do Varão ilustre.

## Histórias alter-nativas de um homem do século XVI

A investigação sobre a nacionalidade portuguesa de um varão ilustre e venerável do mundo católico evidencia a existência de um novelo de gentes. Quiçá, nesse novelo, se revelem laços de parentesco e sociabilidade que não só explicam a continuidade de uma memória coletiva, como podem demonstrar a “verdade da mancha”<sup>14</sup>. Pode humanizar-se a empresa intelectual que Jorge Cardoso iniciou, num esforço coletivo de reunião de memórias que visavam colocar o reino de Portugal no mapa da santidade (Fernandes 1996: 40-60)?

Além da dimensão patriótica que a narrativa sobre a nacionalidade de Gregorio Lopez, publicada no século XVII e confirmada no século XVIII, procura conservar, na sua estória portuguesa ficam claras as histórias da mobilidade das gentes da Beira; da mobilização de laços familiares e socio-profissionais na recolha e transmissão de informação e favores; e das dinâmicas e estratégias inerentes a esses movimentos.

---

<sup>14</sup> Falando com Martin Cohen sobre a lenda lusa, a questão embaraçada do cripto-judaísmo, dos conversos, e a espiritualidade borbulhante própria do *siglo de oro*, o Rabi hipnotizou-me com a sua teoria acerca do título da obra prima de Cervantes. Para Cohen, *Don Quijote de la Mancha* reflete o sentir do autor sobre os processos de identificação de *limpeza de sangue*; e sendo que havia encontrado a palavra “quijote” apenas nos trabalhos de tradução quinhentistas da Universidad de Alcalá de Henares, traduzida do aramaico como “verdade”, Cohen ficou convencido de ter captado o espírito da obra como “a verdade da mancha”. Independentemente da corroboração da sua teoria, esta não deixa de ser sugestiva, e de recordar os efeitos da mancha de sangue que tantos tiveram de suportar ou esforçar para apagar.

Por um lado, a inexistência de um registo de batismo associado a Gregorio Lopez em Madrid, no processo de canonização ou em qualquer uma das investigações realizadas sobre a biografia do eremita mexicano não é apenas um indício de que este poderia ter adotado um nome diferente do que recebeu no batismo. Gregorio Lopez ou dissimulou a sua identidade para não ter que justificar a renúncia aos privilégios de um estatuto nobre, ou algo nos seus vinte anos de vida ibérica o levou a apagar por completo quaisquer laços com esse passado. Na realidade, a investigação que se fez em meados do século XVII acerca da naturalidade portuguesa de Gregorio é confirmada nas fontes e concretiza um percurso mais verídico, de alguma forma justificando o seu segredo – porventura mantido menos pelas suas implicações legais que pelo desinteresse por um lugar que se tornara longínquo e inócuo.

Podemos, contudo, questionar: se há um processo de identificação concretizado e confirmado em Portugal, como é que em Madrid não se investigou mais a fundo? Registos batismais, comprovativos da sua atividade na Corte, registo da passagem de Gregorio para as Índias; passados quatro séculos podemos perceber que tenham desaparecido, mas na altura, e contando com os mecanismos de controlo social que a monarquia hispânica e a Igreja Católica de pós-Trento tinham ao seu dispor, é estranho que na Península não se recordasse nada dos primeiros vinte anos do Venerável – com exceção da narrativa portuguesa que procurámos aqui analisar e que comprova a dinamização desses mesmos mecanismos.

Por outro lado, à beira da Serra da Estrela prolongou-se uma memória mais pessoal e detalhada do que a do biógrafo Francisco Losa. Uma memória que nunca deu azo a um culto, nem se traduziu em mais que um reconhecimento de uma origem comum; o que, na realidade, acarreta diversas respostas culturais e historiográficas, e mesmo políticas e sociais, em diversos tempos e lugares. Será que em Castela se esperava a confirmação papal para saber como proceder relativamente a esta questão, ou a falta de notícias evidencia que haveria algo a esconder que poderia prejudicar a causa, já de si complicada pelo envolvimento de Miguel de Molinos e dos quietistas europeus na apropriação do exemplo do solitário das Índias?

Entretanto, Jorge Cardoso estava em contrarrelógio na sua defesa da nação portuguesa, *puer senex* na ordem secular europeia: sair do império hispânico foi uma empresa ideológica trabalhada pelos autores da pátria lusitana em muitas frentes, incluindo a cultural, que passava muito pela literatura e *oratura* (essa forma de cultura oral tão desprezada por nós, historiadores viciados em fontes escritas) religiosas. Por isso há que contrapor o óbvio: terão sido os ‘iluminados’ portugueses, com a rede que já identificámos, a

fabricar esta lenda? Paradoxalmente reentramos na perspectiva de uma história das ideias, que o recurso às fontes pode ajudar a materializar.

Ora, além dessa ordem geral, há toda uma outra determinação identitária ligada à “nação”, diríamos agora étnico-religiosa, que passava as fronteiras locais de reinos e impérios. Naturais e nativos, no império católico, da lei de Moisés ou com o Profeta, as gentes reconheciam-se *dentro-contra-e-além* (Holloway 2010: 220, 98) qualquer determinação geopolítica, estabelecendo laços que transcendiam processos e provas de identidade. Eremita, místico, alumbrado, quem sabe se luterano, pré-quietista, com certeza herege, Gregorio Lopez escolheu ser “alter-nativo”, quem sabe se como nativo da alteridade e/ou identificando-se como natural de todo um mundo além da sua casa e das suas comunidades. O ser português ou o ser converso, o ser criptojudeu ou o ser místico – identidades que, quando relacionadas com a vida familiar que acompanhou (ou não) a formação cultural, social, religiosa da pessoa com quem dialogamos o passado – não eram/são categorias autoexplicativas nem estáticas.

A lenda lusa pode tanto ser *a* história como ser já *uma* história por si só. Pede agora este texto que *a/as* completem. Qualquer uma das histórias, a de Gregorio Lopez ou a da construção da ideia de Portugal no pós-Restauração, pode ser contada com mais pormenor e objetividade com novas investigações. No fundo, perguntamos como pode uma estória ter histórias “alter-nativas” dentro: e se Gregorio Lopez fosse aquele rapaz que saiu da terra aos 16 anos para nunca mais voltar, sem dar notícias, vivendo outra vida além da comunidade onde nasceu, de onde foi natural? Como cruzamos perspectivas historiográficas portuguesas e espanholas na hora de compreender realidades muito mais entrelaçadas do que podemos imaginar? O que é possível saber mais destas redes e destas gentes das Beiras? Como se podem aclarar as formas como elas interagem, agem e reagem nos processos de identificação, reconhecimento e construção de identidade de um indivíduo e dos seus grupos, comunidades e redes? O que ganhamos ao questionar ou a romper com os conceitos de identidade, nacionalidade, naturalidade?

A impossibilidade de responder à questão “foi Gregorio Lopez português?” traz todo um abrir de caminhos e abordagens teóricas e metodológicas na construção de uma consciência histórica presente. Cada pessoa tem uma situação, vem de um contexto e interage com ele de modos diversos. Não se pode continuar a ignorar que o processo de autoconhecimento inerente à construção da individualidade põe em causa o que os processos de identificação tendem a cristalizar e tiranizar. Não por acaso, entramos na época moderna através da história dos tempos e espaços em que Gregorio Lopez

(natural de um ou outro lado da fronteira) rejeita o *sæculo* para se entregar ao Céu. “A minha pátria é o Céu, o meu pai é Deus”, dizia; imaginando o mundo *dentro-contra-e-além* das comunidades “alter-nativas” onde nasceu, cresceu, viveu, circulou, contemplou e morreu. Talvez (re)comece neste espaço o tempo em que se perde o nexu de uma história da humanidade para buscar humanidades nas histórias.

## Bibliografia

### Fontes Manuscritas

- ANTI, “Memória paroquial de Linhares”, in Dicionário Geográfico. Vol. 20, nº 90, Mf. 0343, 673-686.
- ANTI, “Manuel Pacheco da Costa Corte-Real”, Habilitações do Santo Ofício, maço 30, nº 674.
- ANTI, Paróquia de Linhares, “Livros de Registos Mistos 1566/1677”, Mf. IAN/TT/SGU/0656.
- ANTI, Paróquia de Melo, “Livros de Registos Mistos 1606/1648”, Mf. IAN/TT/SGU/0703.
- ANTI, Registo Geral de Mercês, livro 5, fls. 176-177; liv. 21, fls. 174v, 178-178v; liv. 11, fl. 211.
- Biblioteca Nacional de España, Sede de Recolectos, MS/7819 [Información sumaria que se hizo en México de las virtudes y milagros del venerable Gregorio López en el año 1620 y siguientes, a petición de Felipe III para su beatificación].

### Fontes impressas

- ALVAREZ y BAENA, Josef Antonio (1790). Hijos de Madrid: ilustres en santidad, dignidades, armas, ciencias y artes. Diccionario histórico por el orden alfabetico de sus nombres... Madrid: Oficina de Benito Cano.
- Sacra Rituum Congregatione. Emo, & Remo. Dno. Card. Porto Carrero (1752). Mexicana Beatificationis & Canonizationis Ven. Servi Dei Gregorii Lopez primi anacoretæ in Indiis Occidentalibus. Positio Super Dubio an constet de virtutibus Theologicalibus, Fide, Spe, & Charitate in Deum, & Proximum; ac de Cardinalibus, Prudentia, Justitia, Fortitudine, ac Temperantia, earumque annexis in gradu heroico, in casu & ad effectum, etc. Animadversiones Romæ: Ex Typographia Rev. Cam. Apostolicae.
- CARDOSO, Jorge (1657). Agiologío Lusitano, Tomo II, III, IV, V, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira.
- LOSA, Francisco (1613). La Vida que hizo el Siervo de Dios Gregorio López en algunos lugares de esta Nueva España, México, Juan Ruiz.
- LOSA, Francisco e CORREA, Pedro Lobo (trad.) (1675). Nascimento, vida, e morte admiraveis do grande servo de Deos Gregorio Lopes, portuguez, natural da villa de Linhares

composto pelo licenciado Francisco Losa, na vida e morte escritor verdadeiro, mas não no Nascimento, Patria, Pays, e Irmãos do Varam: dedicada ao ao Excelentissimo Senhor Dom Luis de Menezes Conde da Ericeira. Traduzida na língua Portuguesa, e acrescentado o fim, e o primeiro capitulo de seo verdadeiro Nascimento e Patria por Pedro Lobo Correa Escrivão da Contadoria Geral de Guerra e Reyno. Lisboa: Oficina de Domingos Carneyro.

MACHADO, Diogo Barbosa [1741-1748] (1966). *Bibliotheca Lusitana*. Tomos 1-3. Coimbra: Atlântica Editora.

MACHADO, Diogo Barbosa e MUÑOZ, Luís de (ed.) (1727). *Vida del siervo de Dios Gregorio*. 4ª ed. Madrid: Imprenta de Juan de Aritzia, 195-198.

QUINTANA, Jerónimo de la (1629). *A la muy antigua, noble y coronada villa de Madrid. Historia de su antiguidad, nobleza y grandeza*, Madrid: Imprenta del Reino, 162v-168.

SOUSA, António Caetano de (1744). *Agiológico Lusitano...* Tomo 4. Lisboa: Regia Officina Sylviana.

## Estudos

CARDOSO, Jorge e SOUSA, António Caetano de (2002), *Agiológico Lusitano*, ed. Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: Universidade do Porto.

CARVALHO, Joaquim Ramos de (2013). “Redes, auto-organização e interpretação histórica”, in Ana Isabel López-Salazar, Fernanda Olival, João Figueiroa Rêgo (coord.), *Honra e Sociedade no mundo ibérico e ultramarino: Inquisição e Ordens Militares, séculos XVI-XIX*. Casal de Cambra: Caleidoscópico / CHAM / CIDEHUS, 89-106.

CARVALHO, José Adriano de Freitas (2000). “Recensão a Gregorio Lopez, Declaración del Apocalipsis (edición, estudio preliminar y notas de Álvaro Huerga). Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca, 1999”, *Via Spiritus*, 7, 242-245.

CARVALHO, José Adriano de Freitas (2002). “Eremitismo em Portugal na época moderna: homens e imagens”, *Via Spiritus*, 9, 83-146.

CARVALHO, Rómulo de (1964). *Leonis de Pina e Mendonça: matemático português do século XVII?*. *Revista Ocidente*, 66, 170-175.

CASTAÑEDA, Carmén (coord.) (2002). *Del autor al lector: libros y libreros en la historia*. Mexico: CIESAS.

COHEN, Martin A. (1967). “Don Gregorio López: friend of the secret jew. A contribution to the study of religious life in early colonial ‘Mexico”, *Hebrew Union College Annual*, 38.

DIAS, João José Alves (1996). *Craesbeeck: uma dinastia de impressores em Portugal: elementos para o seu estudo*. Lisboa: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1996). “História, santidade e identidade. O Agiológico Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto”, *Via Spiritus*, 3, 25-68.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2000). *A biblioteca de Jorge Cardoso*. Porto: FLUP, 7-17.

- FRAGA, João Baptista de Almeida (2003). *Melo, na História e na Genealogia*, Lisboa: s. ed., 186-189.
- GAN GIMENEZ, Pedro (1991). “La Jornada de Felipe III a Portugal (1619)”, *Chronica Nova*, 19, 407-431.
- GARCÍA CUETO, D. (2007). “Mecenazgo y representación del Marqués de Castel Rodrigo durante su embajada en Roma”, in Hernando Sánchez, C. J. (coord.), *Roma y España. Un crisol de la cultura europea en la edad moderna*. Vol. 1. Madrid, 695-716.
- GARCÍA-MOLINA RIQUELME, António M. (2016). *Las hogueras de la Inquisición en Mexico*. Mexico: UNAM / Instituto de Investigaciones Jurídicas.
- GIEBELS, Daniel Norte (2011). “A Inquisição e a Mitra de Lisboa: análise a partir do governo do arcebispo D. Miguel de Castro (1586-1625)”, *Lusitana Sacra*, 23, 121-150.
- GUILLÉN BERENDERO, José Antonio (2011). “Gente melhor & de Mayor Qualidade. Algumas reflexões sobre a ideia de prestígio e seus agentes em Castela e Portugal 1556-1640”, in Martínez Hernandez, Santiago (dir.), *Governo, política e representações do poder no Portugal Habsburgo e nos seus TERRITÓRIOS Ultramarinos (1581-1640)*. Braga: CHAM/FCT.
- HOLLOWAY, John (2010). *Change the world without taking power. The meaning of revolution today*. 3<sup>rd</sup> ed. New York: Pluto.
- HOLLOWAY, John (2010). *Crack Capitalism*. New York: Pluto.
- HUERGA, Alvaro (1999). “Edición, estudio preliminar y notas por Alvaro Huerga”, in Lopez, Gregorio, *Declaración del Apocalipsis*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca.
- MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, S. (2009). “Os marqueses de Castelo Rodrigo e a nobreza portuguesa na Monarquia Hispânica: estratégias de legitimação, redes familiares e interesses políticos entre a agregação e a eestauração, 1581-1651”, *Ler História*, 57, 7-32.
- MARTINS, Mário (1943). “Gregório Lopes, o anacoreta das Índias”, *Brotéria*, 36, 365-376.
- MARTINS, Mário (1943). “Gregório Lopes, o pré-quietista do deserto”, *Brotéria*, 36, 456-467.
- MARTINS, Mário (1949). “O processo inédito do escrito e anacoreta Gregório Lopes (+1596)”, *Brotéria*, 48, 72-81.
- MENDIETA, Jerónimo de (1980). *Historia Eclesiástica Indiana*. 3ª edição fac-similar da ed. De [c.1524-1604]. Mexico: Porrúa.
- MILHOU, Alain (1977). “Préface”, in Claude Cymerman, *Études Hispano Américaines / Estudios Hispanoamericanos*. Rouen: Université de Rouen, 8.
- MILHOU, Alain (1992). “Gregorio López, el Iluminismo y la Nueva Jerusalem Americana”, in *Actas del IX Congreso Internacional de Historia de América*. Vol. 3. Sevilla: Universidad de Sevilla, 55-83.
- MOTA, Eduardo (1992). *Corografia setecentista do concelho de Gouveia*. Gaudela, Gouveia.
- NUNES, Lia F. A. (2007). *Minha pátria é o Céu, o meu pai é Deus: Gregório Lopes, inadaptado ou intemporal no século XVI?*. Coimbra: FLUC (tese de mestrado policopiada).



- OLIVEIRA, Manuel Ramos de [1939] (1997). Celorico da Beira e o seu concelho, através da história e da tradição, Leiria: Câmara Municipal de Celorico da Beira.
- PUERTO SARMIENTO, Javier et al. (2006), *Prodigios y naufragios: estudios sobre terapéutica farmacológica, en España y América, durante el Siglo de Oro*. Madrid: Doce Calles.
- RIVAS MATA, Emma (2002), “Impresores y mercaderes de libros en la ciudad de México, siglo XVII”, in Carmen Castañeda García e Myrna Cortés (eds.), *Del autor al lector: libros y libreros en la historia*. Mexico: CIESAS, 71-102.
- RUBIAL GARCÍA, Antonio (1999). *La santidad controvertida: hagiografía y conciencia criolla alrededor de los venerables no canonizados de Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica.
- SILVA, Francisco Ribeiro da (2008). “A viagem de Filipe III a Portugal: itinerários e problemática”, in Francisco Ribeiro da Silva, *Quinhentos – Oitocentos. Ensaio de História*. Porto: Universidade do Porto, 269-307.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas (2005). *Beatas, inquisidores e teólogos. Reação portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade.
- TORO, Alfonso (1949). *La familia Carvajal*. Tomo 2. Mexico: Editorial Patria.

## Webgrafia

- ViaLibri.net (2016): [https://www.vialibri.net/item\\_pg\\_i/483919-1615-losa-francisco-vida-que-hizo-siervo-dios-gregorio-lopez-algunos.htm](https://www.vialibri.net/item_pg_i/483919-1615-losa-francisco-vida-que-hizo-siervo-dios-gregorio-lopez-algunos.htm), consultado em 2016.04.02.
- Carvalho, Joaquim Ramos de (s.d.). “TimeLink: um sistema de apoio a investigações em microhistória” (<http://timelink.fl.uc.pt/documentation.html>, consultado em 2016.04.02).